

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

MENINOS, EU CONTO: RETRATOS DA INFÂNCIA NO INTERIOR DO SERTÃO BAIANO

Jeane Reis¹; Roberto Seidel²

1. Bolsista FAPESB, Graduanda do Curso de Letras com Língua Inglesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: jeane_freitas@yahoo.com.br
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: rhseidel@ig.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Antônio Torres, Meninos, eu conto, Cultura local.

INTRODUÇÃO

A obra ficcional de Antônio Torres (1940) responde, até o momento, por dez romances e uma breve antologia de contos, e todas apresentam uma relação direta com a biografia do autor que, natural do interior da Bahia, privilegia o espaço e o povo do interior do Sertão baiano como elementos fundamentais na construção dos enredos. E, considerando a validade da sua obra para o estudo dos aspectos sócio-culturais da região, o presente trabalho visa abordar, de maneira geral, pontos marcantes que se sobressaem na obra *Meninos, eu conto* (1999) que, composta por três contos - *Segundo Nego de Roseno*, *Por um pé e Feijão* e *O dia de São Nunca*, oferece-nos, a partir das impressões e/ou vivências de um menino-narrador, imagens de um “Sertão-Menino”, quando ainda não se fazia sentir sobre a população e a cultura local a influência da Modernidade, ao passo que retrata a formação do imaginário infantil/juvenil interligado com as representações culturais do lugar. E, com ênfase sobre os pontos em destaque nesses contos, abordaremos no contexto das manifestações culturais das cidades interioranas da Bahia, a simbologia da chuva para o nordestino e o ofício das “rezadeiras” que, além de um símbolo da religiosidade do povo, era também uma forma de conseguir o sustento numa terra marcada pela seca e pela miséria.

MATERIAIS E MÉTODOS

A análise patente no trabalho é resultado de uma pesquisa que vai além dos limites da obra, e se entende ao campo dos Estudos Literários e Culturais (com base em publicações recentes), consulta a documentos históricos, bem como registros orais acerca do universo cultural do interior da Bahia, o que nos permite oferecer noções complementares e atuais acerca das representações culturais apresentadas por Torres nos contos.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Meninos, eu conto (1999) apresenta marcas de uma literatura contemporânea que aponta para o local e desponta no universal, no sentido de que ao tratar-se do retorno às raízes, atua no sentido de preservar representações histórias e culturais de um povo, no sentido de que, a partir do seu estudo, é possível compreender o universo cultural do sertanejo que é arrestado no seu habitat, no seu contexto socioeconômico, geográfico e cultural e em sua dimensão interior. Aspectos que são destacados por Torres nos registros acerca do trabalho na roça, das brincadeiras dos meninos, na simbologia da chuva para uma terra marcada pela seca, bem como, na esperança de um povo que, em detrimento da miséria e da fome, confia sua sorte/esperança na fé em um “Deus que sempre ajuda”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Ao apresentar uma literatura memorialista, é patente em “Meninos, eu conto” a funcionalidade da ficção no sentido de ressignificar a cultura local, de modo que o autor utiliza-se de personagens tipicamente populares, diretamente relacionados com experiências vividas na sua infância na cidade do Junco, no interior da Bahia, e dá ênfase a aspectos sociais, geográficos e culturais da região. E, considerando-a dentro do contexto das demais obras de Torres, considera-se a sua validade no sentido de fomentar/somar-se como objeto de estudo significativo em torno das discussões acerca da problemática dos desdobramentos da identidade nacional no contexto da cultura brasileira e também dos embates entre suas regiões, de modo a chamar a atenção do leitor para os efeitos do processo globalizante que aponta para a homogeneização das culturas e para a descentração dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez: 1999.

Entrevista com Torres. *Programa Pajuçara especial*. Maceió: TV Pajuçara, 2005. Programa de TV.

BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: Temas e situações*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999.

CÂNDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva: 1998.

CAVALCANTE, Erika Derquiane. *A identidade do ser mulher, mulher nordestina e suas sensibilidades nos filmes: “O Auto da Compadecida e Lisbela e o prisioneiro”*. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%Erika%20Derquiane%20Cavalcante%20TC.PDF>. Acesso em: 01 mai.2010.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1993.

FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GODET, Rita Olivieri; SOUZA, Lícia Soares de. (Org.). *Identidades e representações na cultura brasileira*. João Pessoa: Idéia, 200

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEREIRA, Rubens Edson. É de sonho e de pó Brasil, Nordeste – Travessias. Revista Sitientibus. Universidade Estadual de Feira de Santana. n.17, p. 27-56, jul./dez. 1997.

TORRES, Antônio. *Meninos, eu conto*. Rio de Janeiro: Record, 1999.